

Mergulho ansioso nos campos de Dalcídio ou bebendo água da chuva nas palmas da mão

Josse Fares

"Chove nos Campos de Cachoeira e Dalcídio Jurandir já morreu. Chove sobre a campa de Dalcídio Jurandir e sobre qualquer outra campa, indiferentemente. A chuva não é um epílogo, tampouco significa sentença ou esquecimento..."

Carlos Drummond de Andrade

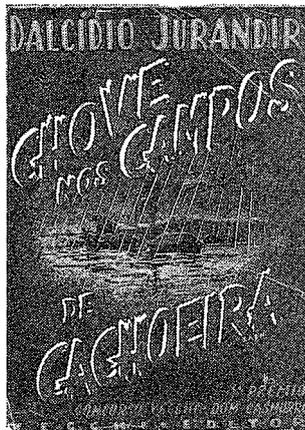
I (a primeira)

1941. Rio de Janeiro, a Vecchi Editora lança o romance **Chove nos Campos de Cachoeira**, de Dalcídio Jurandir. Estava lançada a pedra inaugural do Ciclo do Extremo Norte, conjunto de dez obras em que o romancista, num olhar de dentro para fora, urde um tecido de onde brota a estamparia rural e urbana do mundo amazônico.

Consciente de que, na urdidura do fazer literário, aos fios da emoção, soma-se o laborioso trabalho com a palavra, Dalcídio escreve, aos vinte anos, a primeira versão de **Chove nos Campos...**, em 1929. Uma década depois, reescreve o romance, imprimindo nele a filigrana textual, só conseguida pelos iniciados na arte literária.

Para perceber as multifaces que se entrelaçam no romance, seria necessário que o leitor se metamorfoseasse em Argos, com seus cem olhos de perspicácia e vigilância. Na verdade, a obra dalcidiana carece de variadas leituras. Ela é resistente. Resistente não no sentido de se fechar àqueles que se propõem a entrar nos seus meandros. Ao contrário, a narrativa enlaça o leitor, cativa-o, transforma-o num personagem que circula os campos de Cachoeira, senta-se às margens do lago Arari, faz-se visitante das casas e conhecedor da vida que brota daquele chão. Essa intimidade com o viver da cidade marajoara permite que o leitor espalhe seu olhar e tente captar, até onde a vista alcança, alguns dos ângulos da geografia humana que transborda nas teias polifônicas da narrativa.

Em **Chove...** observa-se a existência de personagens, ou núcleos de personagens, que desvendam as diversificadas formas de encarar o mundo, ver a vida que, monotonamente, vai se desfiando na vila de Cachoeira do Arari. Ressalta-se aqui, a presença de um sem número de personagens que, como figurantes, vão compondo o cotidiano da cidade.



II (as personagens)

Entremos agora na vereda do primeiro grupo de vivos: a família do major Alberto. Ao enviuvar, o major, então pai de quatro filhos, farto da politicagem de Muaná, junta-se a D. Amélia, *negrinha trabalhadeira e asseada*, e passa a residir em Cachoeira do Arari, deixando para trás as três filhas, mas levando a tiracolo o filho Eutanázio. Em Cachoeira, o major constitui nova família. Além de Eutanázio, tem mais dois filhos com dona Amélia: Alfredo e Mariinha.

Alfredo, integrante desse grupo, pontilhará nove, dos dez romances do Ciclo do Extremo Norte.

De **Chove nos Campos de Cachoeira a Ribanceira**, acompanhamos a trajetória do personagem em seu percurso de menino a homem. Aqui, nos deparamos com o garoto empaludado e febreiro. Com o caroço de tucumã que traz sempre consigo, Alfredo corta o mundo simbólico, da lei, com os matizes do imaginário: *"A febre faz Alfredo mais agarrado à rede, às revistas, aos caroços de tucumã que joga na palma da mão. Com um carocinho daqueles imaginado, desde o Círio de Nazaré até o colégio Anglo-Brasileiro (...) sua bolinha ia fazer o Amazonas o rio mais comprido, o mais largo, o mais belo do mundo."* O carocinho de tucumã era a vara de condão com que Alfredo rompia a mesmice do dia-a-dia de Cachoeira.

Major Alberto colecionava catálogos, era amante das artes, um contador de histórias, além de um guardião da memória: *"É o Grão Pará, psiu, psiu, veja a data. Sete de agosto de 1879! Nele vem a morte do Visconde de Arari. E olha o nome das escravas aqui. Anúncios de vendas de negros (...) Mas veja aqui a seção comercial. Que tempo! Tempo de minha avó."* Em sua simplicidade, o major tinha consciência de que *"quem não tem passado, não tem presente."* Por tudo isso, ele era respeitado em Cachoeira. Sua mulher, dona Amélia, corporifica o nome que tem. É simples, pouco ou nada exige do marido. Guarda em si a calma, a tranqüili-

*alguém de...
antes...
E de...*

dade conquistada na luta, nas dores que a vida lhe impôs. Ela é a autêntica mulher de seu tempo. Os mais recônditos de seus desejos são abafados num relicário íntimo e indevassável. Vê-se sempre sozinha em seus momentos de aflição: "por que o medo, o pressentimento de que qualquer coisa pode acontecer com Mariinha? Mariinha, todo mundo dizia, não se criava. D. Amélia levava noites e noites sozinha, Major Alberto nos catálogos (...) Mariinha com febre."

D. Amélia, no entanto, a seu modo, sabia lutar pelo que queria. Talvez seu maior sonho fosse ver Alfredo estudando em Belém. Este lutar calado agiganta sua figura aos olhos do filho que a vê como a própria mãe-terra, que o acalma e o acalenta. (mas, às vezes, envenenava)

Nesse grupo de personagens, um tem destaque muito especial na narrativa, Eutanázio. Contrariando a significação de seu nome - *morte sem sofrimento* - Eutanázio morre aos poucos, dolorosamente acometido por um amor não correspondido, afora a *doença venérea* (nunca nomeada) que o corrói. No viés de Eutanázio, o mundo era visto através das escuras lentes do pessimismo e da amargura. Seu drama está intimamente ligado a um segundo núcleo de personagens: a família de seu Cristóvão. Para ficar perto de Irene, Eutanázio não arredava pé daquela casa, daquelas pessoas por quem se endividava, se corrompia por inteiro. Seu amor por Irene era uma obsessão, tornava-o masoquista. Quanto mais a moça o diminuía, mais seus sentimentos cresciam, afogando-o num *mar de desesperação*. Em seus delírios sobrevinha-lhe o desejo por Irene: "Sente-se como sem ossos, viscoso e sem sangue. Se transformar-se num molusco e irá acordar Irene na rede. Irene gritaria com aquele enorme uruá dentro da rede com ela. Irene sentiria o pico daquele bicho e sairia correndo, aos pinotes, ficaria doida. Doida (...) Levava a doida para as grandes florestas, onde num taperi ouviria onças e as cobras fascinadas por aquela loucura."

No trecho dalcidiano, como em *O Besouro e a Rosa*, de Mário de Andrade, o falo é metaforizado em elementos da natureza. O aruá, embora seja um molusco, avoluma-se na presença da mulher, cuja loucura pode estar associada ao êxtase sexual. Outro elemento de representação fálica presente no excerto é a cobra que, como o aruá, simboliza o fascínio do prazer carnal.

Às vezes, em seu afã de rebaixar Irene, Eutanázio, delirante, a transforma num monstro, num verdadeiro

ser ctônico: "...os cabelos secos e desarrumados, os cabelos como garras, os pés sujos (...) tem uns dentes terríveis."

"(...) Mas Irene está dentro dele como sua espinha dorsal." Quando moribundo, o rapaz não consegue cortar o fio que o ata à vida. Somente a amada, grávida de Resendinho, é capaz de lhe trazer a coragem necessária para aquela travessia. Nesse momento, Eutanázio percebe que a mulher serena e bela que está ali a lhe sorrir e infundir forças, não é a Irene que ele amou toda a sua vida. E "os seus olhos se fecharam como se em si mesmo procurassem a Irene perdida."

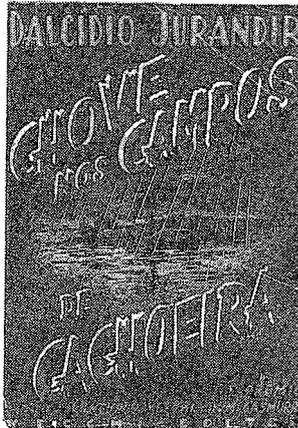
Num terceiro agrupamento de personagens, constituído pelos filhos de Siá Rosália, encontramos Lucíola, que personifica a solteirona. Numa cidadezinha interiorana, no início do século, que perspectiva de vida tinha a mulher senão o casamento? Todas procuravam se arranjar como podiam. A Bitá, filha do seu Cristóvão, já noivara sete vezes e, em todas elas, fora abandonada, caindo na *boca do povo*, assunto dos mexericos da vizinhança. Mas Lucíola sublimava seu estado de solteirona, cuidando de Alfredo, como se ele fosse seu filho. Preparava-lhe a comida, cuidava de suas roupas, ninava-o com as toadas de boi-bumbá. Entretanto, esse doar exigia um retorno, que não acontecia. Crescendo, Alfredo, até no mundo imaginário que o carocinho de tucumã lhe concedia, rejeitava a figura da solteirona: "A bolinha abolia Lucíola da primeira infância. Lucíola extinta, ou melhor, nunca existia no faz-de-conta."

D. Amélia, por vezes, temia o acarado tratar que Lucíola dispensava a Alfredo "ela ficaria, como mãe, diminuída, sem realce no coração do filho?" Não! O cheiro do sangue materno exalava e o garoto inebriava-se nele, enquanto Lucíola "ia ficando viúva daquele menino", curtindo a solidão, a falta de perspectiva que engolfava todo o seu ser.

III (a cidade)

Cachoeira despontava com seu casario simples, de madeira, coberto de telha, entre arvoredos e campos, ora esfumaçados pelas queimadas, ora alagados pelas chuvas ou pelas enchentes do lago Arari. É esse cenário, tipicamente marajoara, o berço que acalenta os desalentos e os sonhos daqueles viventes.

Neste lugar de poucos habitantes, todos se conhecem e, para passar o tempo que se espreguiça entre bocejos de monotonia, a vida alheia pulula e dá movimento à lentidão.



TIPOS

CULTURA POPULAR

"Dona Dudu, a costureira da vila, configura a fofoqueira. Ela é uma espécie de jornal falado local, Sentada à máquina de costura, reúne em torno de si aqueles que, como repórteres, trazem notícias a serem comentadas: *"Vocês quando estão para meter o pau na vida alheia, dizer histórias de todo mundo, não têm cerimônia, nem dor de cabeça."*

A prostituta do lugarejo recolhe-se em sua miséria, emoldurada pelas chagas que vestiam seu corpo. Antiteticamente, chama-se Felícia. Com ela, Eutanázio, em sua desesperança, identifica-se, pois *"Felícia era como ele: não tinha dentes, cheia de marcas de feridas, a miséria, os braços cheios de titinga, o sorriso morto."* No monólogo de Eutanázio, a prostituta assume a pungente castidade daqueles que pouco ou nada exigem, embora se doem. Daqueles olhos pisados emanava uma luz que concedia ao Cristo crucificado - exposto na parede da casa - um halo de divina humanidade, *"Ele só era grande porque estava humanizado pelos olhos, pelas chagas, pela presença de Felícia."* É na prostituta, portanto, que a figura de Cristo se personifica aos olhos de Eutanázio.

Se Felícia era a personificação de Cristo, Lucíola assemelhava-se à Virgem Maria. *"Lucíola, virgem, havia concebido através de D. Amélia, seu Espírito Santo, um filho messias que a tinha de salvar daquele triste croché que já estava fazendo quando ia aos bailes, jogada a um canto, sem nenhum cavaleiro que viesse tirá-la."* Mas o croché de Lucíola, como o fiar de Penélope, ou de Tita - personagem do filme *Como Água para Chocolate*, de Alfonso Arau - era interminável. Se Penélope tem seu tecido de esperança concluído com o retorno de Ulisses, Lucíola será a tecelã de uma espera incessante: Alfredo não voltará a se aninhar em seus braços vazios da maternidade sonhada.

Percorrendo as vielas de Cachoeira, deparamo-nos com a matriz da Conceição e suas festas religiosas e profanas. No interior da igreja, os genuflexórios sustentam os joelhos da fidelidade dos crentes. No exterior, desenrolam-se as festas profanas, aqui vistas não como manifestações do pecaminoso, e sim como formas simples e até mesmo ingênuas de diversão e preservação da cultura desse povo. O profano, nessa passagem, conforma-se ao sentido etimológico da palavra: *pro*: fora/*fanum*: templo.

As toadas de boi com que Lucíola minou Alfredo perdiam-se no esquecimento do menino, mas não na obra dalcidiana, em que a memória, como "antídoto do esquecimento", é erigida página a página, em monumentos de resistência. É o que se pode constatar na transcrição da "comédia" do Caprichoso (não o de Parintins; mas o de Cachoeira do Arari), em que são ressaltadas as falas do vaqueiro, do Nego Chico (ou Pai Francisco), do padre, personagens da maior importância na representação desse folguedo junino.

Outras manifestações da cultura popular têm acolhida no romance, como é o caso das simpatias feitas por Eutanázio a fim de conseguir o amor de Irene. Uma delas, ele tinha ouvido de uns rapazes na Rua das Palhas: *"uma faca enterrada até o cabo, nos fundos do quintal, e na conta de três dias tirar a faca. A mulher soberba sente toda aquela facada no coração. O coração desperta. Coração de mulher é como terra. É preciso resolver bem, semear para dar."*

IV

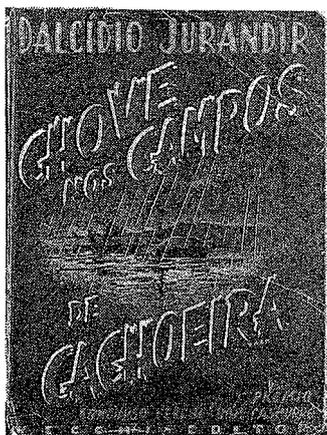
O avanço dos meios de comunicação provocou profundas transformações na vida tanto urbana quanto rural. Até mesmo nas mais longínquas paragens, vê-se a telinha, em torno da qual as pessoas, praticamente em estado de mudez, fixam-se contemplativas.

Diante dessa realidade, a comunicação humana parece romper-se. Os serões regados à conversa, contação de história e aconchego tendem ao desaparecimento. Mas não na Cachoeira dos tempos idos. No romance de Dalcídio, as pessoas, de corpo presente, ouvem, de viva voz, as narrativas que preenchem os dias e as noites daquele povo.

Um dos narradores ouvidos é o major Alberto, contando histórias da Guerra do Paraguai, *"onde seu pai lutara como alferes no exército nacional"*. Contava também de seu avô, morto pelos cabanos no engenho do Curral Panema. Nascido na capital, o major fala sobre o tempo d'outrora, quando Belém, pacata menina, vê desfilar em suas ruas os bondes puxados a burro. Narrativas como estas, iluminam acontecimentos que jazem, muitas vezes, no abismo do esquecimento.

Além de contador de histórias, major Alberto gostava de declamar. Suas narrativas eram entremeadas por recitações de poemas de Castro Alves e Olavo Bilac.

Como um marinheiro que percorreu o mundo e depois voltou ao seu lugar, o doutor Campos - juiz substituto de Cachoeira - se põe a contar suas histórias de



a mulher
fazia nada
me crucif
e nada
criado...

Lucíola é virgem, mas
o espírito Santo
Alfredo e a maternidade

Lucíola faz o croché
sem nenhum cavaleiro
que viesse tirá-la

a TV é
suas a má
relaciona

o não
veja

andarilho: "quando estive em passeio na Alemanha, passei dias em Munique (...) Alemanha é a pátria de Goethe, de Bismark, da Brahma! Mas sempre Paris me seduziu. Quando estive em Paris, a cidade luz, não bebia cerveja, bebia champanhe e bordeaux! Amei uma francesinha no Bois de Bologne (...) Ouvi a Duse! Vi Isadora Duncan! Depois foi a minha estada em Nice. A minha aventura com uma corista de Milão." ¹

As narrativas de Salu giravam em torno de um tal **Manuscrito Materno**, de sua própria autoria. Sentados na frente da casa velha, Luciola, Dadá, Alfredo e Eutanázio ouvem um narrador que dá sentimento às palavras. Entretanto, como Sheherazade em **As Mil e Uma Noites**, Salu interrompe suas histórias antes do fim, deixa-as, certamente de propósito, no climax, para que o Interesse de seus ouvintes fosse contínuo. Usando essa estratégia, Salu teria sempre platéia garantida em suas horas de contação.

Eutanázio também se investe na função de narrador. Ao relatar a Alfredo as aventuras de um sapateiro aprendiz que mata seu próprio mestre e se vê perseguido pelo fantasma do morto, o contador se utiliza de um gestual e de expressões que fazem Alfredo gelar diante dos fatos narrados: "Eutanázio contava fazendo caretas, gestos, erguia-se, com os cabelos despenteados caindo pelos olhos." Na verdade, o Eutanázio-narrador lançava mão de recursos para tornar seu ouvinte o mais atento possível. Quando conta ao irmão uma história que lera em uma revista, sobre um urubu que dizia ao homem: "Nunca mais! Nunca mais!" - visível intertextualidade com **O Corvo**, de Allan Poe - Eutanázio, tentando imitar o urubu, dá à voz um som tremido e abafado.

Há também em **Chove nos Campos de Cachoeira** o narrador que não tem ouvintes. Aquele cuja voz, através do monólogo interior, ressoa dentro de si mesmo. Aquele que, macerado pela dor, fica em estado de afasia. Um desses narradores é Bitá.

A moça, em seu monólogo, deixa aflorar o desejo "de ter uma casinha arrumada, sair daquela casa, onde Raquel chama-a de eterna noiva..." E Bitá, toda sentimento e frustração monologa: "Ezequias, Ezequias, tua barba era cheia de picos quando me beijavas (...) Teus cartões postais não eram tão bonitos como os de Lúcio, eram escritos com sentimento (...) não tenho coragem, Ezequias, não tenho... Também não sei sair de casa,

fugir, me entregar a qualquer homem, não sei, sou incapaz de tudo isso." Na realidade, esse desabafo de Bitá a um interlocutor já morto, lhe dá a garantia de poder manter sua dor particular sepultada no próprio peito, livre das más línguas, que sugavam dos sofrimentos alheios o néctar que alimentava suas vidas de mesmices e falta de perspectivas.

V

Antes de percorrermos o caminho de volta, nossa vista ainda pode alcançar, dentro deste romance, inúmeras vezes mitos cristãos e pagãos que, por vezes, se entrecruzam. O pescador Dionízio, por exemplo, configura seu homônimo, deus grego do vinho, vive embriagado, de passos trôpegos, se arrasta pelas ruas de Cachoeira. Mas Dionízio ganha uma formatação cristã, ao enviar, por Eutanázio, trinta mil réis a Felícia. O portador, diante das necessidades de seu Cristóvão, trai o amigo e desvia a importância para outros fins. Como Cristo, Dionízio foi traído por trinta dinheiros.

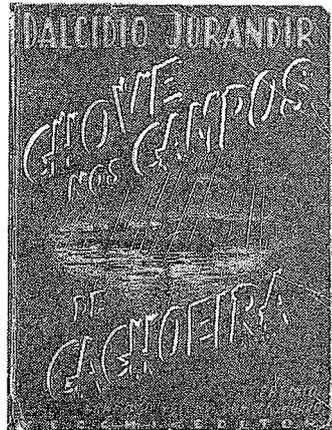
O pescador, *bebaço*, tomba, aparentemente sem vida, nos campos de Cachoeira. E Eutanázio, no afã de levá-lo à casa de Felícia, faz-se Cristo e ressuscita-o, como se ele fosse um novo Lázaro.

Ressuscitante e ressuscitado batem à porta da prostituta: "- Ó Madalena, acorda que aqui chegou o Cristo." E Felícia, antes vista por Eutanázio como a própria personificação do filho de Deus, encarna agora a pecadora arrependida do Novo Testamento, para depois então, já livre dos braços de Morfeu, representar a Vênus, deusa do amor.

Chove nos Campos de Cachoeira, primeiro romance de Dalcídio Jurandir, por tudo que aqui foi dito e também pelo que deixou de ser dito, devido o pouco alcance de minhas retinas, é, sem dúvidas nenhuma, o celeiro que abriga todo o material humano, geográfico, político, social, que será desenvolvido no percurso dos outros nove romances que compõem o Ciclo do Extremo Norte. Esse retrato ora nitido, ora esfumaçado da realidade amazônica.

¹ Usamos para este enfoque, a classificação proposta por Walter Benjamin, em "Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov"

Josse Fares é professora de Literatura Brasileira da Universidade da Amazônia, autora de didáticos e mestranda em Teoria da Literatura na Universidade Federal do Pará.



man...
me...
(Beber...
...)

Bitá de
Sheherazade

visibilidade:
masculinos
vocais
feminil

l
f
também
sent...
épica por
coste do
leitor)

na mão
de
Joana

muito
antigos
e prof...

Dionísio
(vino)

Eutanázio
(judas)

Dionísio
(Lázaro)

Felícia
(Madalena)
e
Vênus